

SAÚDE

Privados fazem mais de 90% dos exames pedidos pelos médicos de família

Por dia, 60 mil credenciais prescritas nos cuidados primários saem do SNS. Sector quer mais convenções

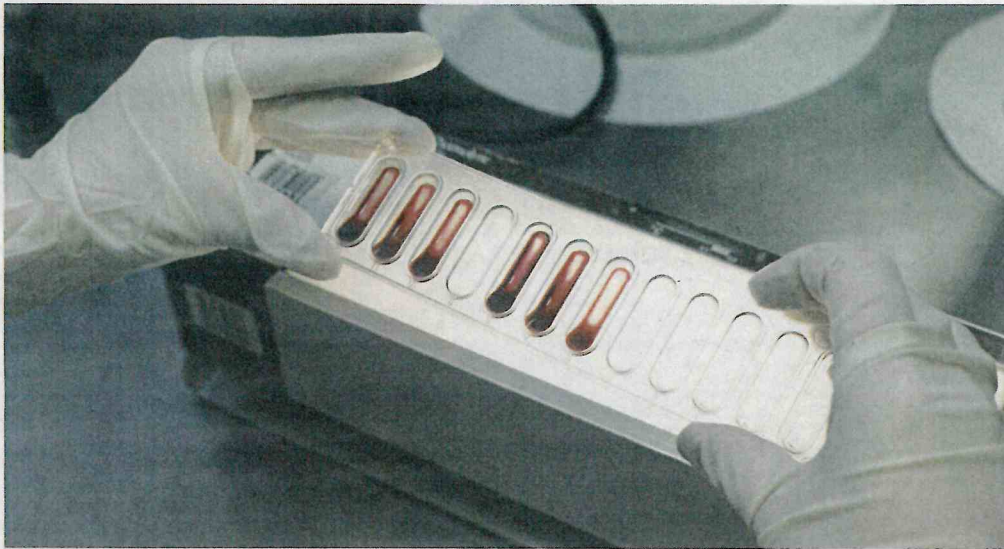
VERA LÚCIA ARREIGOSO

Ir ao médico de família e sair da consulta com uma credencial para fazer um exame, sejam análises, radiografias ou uma TAC, significa quase sempre entrar a seguir numa clínica privada. Todos os dias chegam aos prestadores convencionados 60 mil requisições para 330 mil atos complementares de diagnóstico e terapêutica a que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) não dá resposta. São três mil locais de atendimento em todo o país mas os prestadores avisam o Governo que tem de abrir a rede a mais.

“Só medidas draconianas, que criem barreiras ao acesso, poderão fazer baixar esta atividade face ao envelhecimento da população”, explica Abel Bruno Henriques, secretário-geral da Federação Nacional dos Prestadores de Cuidados de Saúde (FNS). O balanço dos últimos anos indica que a produção sofreu cortes profundos com a chegada da *troika* — as quase 23 milhões de requisições em 2011 não chegaram a 19 milhões no ano seguinte — mas desde 2014 tem vindo a recuperar. Ainda assim, a transição do governo PSD para os socialistas levou a um recuo suave: de 20.372.706 em 2015 para 20.120.678 em 2016 credenciais para exames. Na prática, “mais de 100 milhões de atos por ano, o que representa mais de 90% da produção total do SNS em ambulatório”, explica Abel Bruno Henriques.

Mesmo já garantindo a quase totalidade dos exames pedidos pelos médicos nos centros de saúde, os prestadores privados dizem que as necessidades dos portugueses, cada vez mais envelhecidos, impõem novas convenções com o Estado. “Não têm entrado mais prestadores porque desde 1998 que os sucessivos governos não cumprem o que está estabelecido: a publicação de clausulados tipo [as cláusulas de adesão]. As únicas exceções foram a cirurgia, por causa das listas de espera, e a gastroenterologia, pela pressão da opinião pública em torno das colonoscopias”, afirma o responsável do sector.

Mais uma vez, o financiamento do SNS — no caso a falta dele — explica a porta fechada a mais convenções: “Receiam um aumento dos custos. Isto é, que o aumento da oferta leve



Análises clínicas é uma das 15 áreas de diagnóstico e terapêutica com acordos com o Estado FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

FINANCIAMENTO

7%

é o peso atual da rede de cuidados de saúde convencionada no orçamento da Saúde, que fez baixar os preços em 3,5% para todos os prestadores privados neste sector. No início dos acordos, alguns com 30 anos, a fatura ascendia a 14% do financiamento do SNS, baixando para 10% na década de 90

a mais procura. O que não se percebe porque os prestadores cumprem as requisições dos médicos de família.” Os acordos — os primeiros têm 30 anos — são necessários não só para permitir mais privados como também mais áreas cobertas, atualmente 15 e incluindo meios de diagnóstico e terapêutica, como análises clínicas, hemodiálise, medicina física e reabilitação, medicina nuclear, cardiologia, entre outros.

A receita de ter mais privados a fazer exames para o SNS contraria a abordagem pensada pelo ministro da Saúde de

fazer cada vez mais dentro e menos fora, seja nos cuidados primários (sobretudo nas Unidades de Saúde Familiar), seja nos hospitais, como no Centro Integrado de Diagnóstico e Terapêutica nas instalações do Hospital Pulido Valente.

Abel Bruno Henriques sabe que assim é mas já explicou a Adalberto Campos Fernandes porque não pode ser: “No Moga-douro há uma clínica e se fechar os utentes vão ter de ir [mais longe] ao Hospital de Bragança. O que certamente não querem.”

“Fuga para a frente”

“A internalização [fazer nas unidades do SNS] é uma fuga para a frente. Gostaria de ver o SNS fazer o que faz o sector convencionado com apenas 7% do orçamento da Saúde, como é o caso”, ironiza o secretário-geral da FNS. Por outras palavras, os privados garantem que trazem poupanças ao SNS. “Temos sido resilientes e eficientes. Em 2017 acordámos uma redução de preços de 3,5% para todo o sector, que vai vigorar até ao fim da legislatura. Começámos por representar 14% do orçamento da Saúde, na década de 90 baixou para 10% e atualmente estamos nos 7%.”

A par do alargamento da rede convencionada, os prestadores querem também estabilidade nos preços. “Reivindicamos um verdadeiro processo de

formação de preços porque a maioria é ditada pela realidade política: funcionamos como almofada. Até um dia. Afinal, até zero pode-se sempre baixar”, ironiza Abel Bruno Henriques.

Os mais de três mil privados com convenções com o Estado

queixam-se também da falta de reconhecimento. Para os responsáveis da FNS, a população, e até a classe política, não dá a devida importância a um serviço “de suporte básico de vida” do SNS. “Garantimos a cobertura de todo o território nacional,

aproximando os cuidados de saúde da residência e do local de trabalho dos portugueses, o que é, provavelmente, desde a fundação do SNS, o melhor exemplo da facilidade de acesso e da liberdade de escolha dos cidadãos face ao sistema de saúde português.” E sem grandes encargos, pois o “acesso faz-se mediante o pagamento apenas de uma taxa moderadora ou inteiromente gratuito, no caso dos cidadãos isentos”.


Selo de qualidade

Para sublinhar as virtudes dos privados convencionados com o SNS, a FNS criou esta semana uma marca, a Rede de Cuidados de Saúde (RCS), com um selo próprio. O dístico passará a ser exibido como distintivo de qualidade. “A RCS pretende ser um selo de garantia de acesso e liberdade de escolha”, afirma Abel Bruno Henriques. E a própria Entidade Reguladora da Saúde reconhece méritos à rede. Num relatório recente, o Governo é advertido para a relevância destes prestadores e para o risco dos preços baixos: a qualidade dos exames também tende a baixar e quem paga ‘caro’ é o utente.


varreigoso@expresso.imprensa.pt

39ª EDIÇÃO • PORTUGAL

A MAIOR COMPETIÇÃO DE ESTRATÉGIA E GESTÃO DO MUNDO



GLOBAL MANAGEMENT CHALLENGE




+30 países

Iniciativa portuguesa
Mais de 600.000 participantes
Simulador em 18 idiomas
Desenvolvimento de hard/soft skills
Networking nacional e internacional

ACEITE O DESAFIO
inscrições em worldgmc.com

A EQUIPA VENCEDORA REPRESENTA PORTUGAL NA FINAL INTERNACIONAL



EFMD
CEL
ACCREDITED

BREVES

Paracetamol lento tóxico é suspenso

MEDICAMENTOS Quatro

“...”

Pedro Dias
O título não é gralha. Foi assim que o homem condenado a 25 anos de

Mais nascimentos no início de 2018

NATALIDADE Em janeiro e